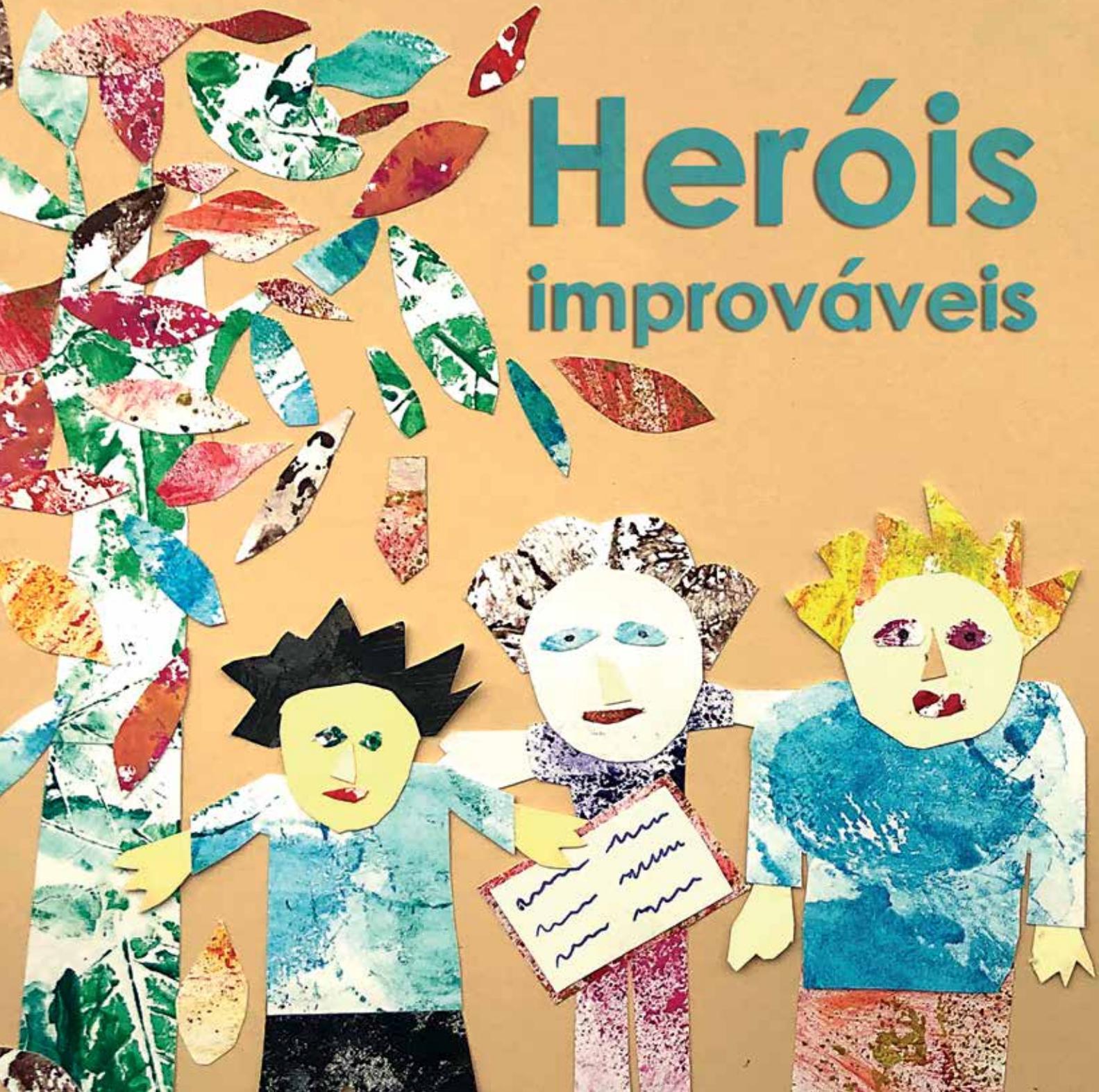


Heróis improváveis





Heróis improváveis

Texto e ilustração

Centro Escolar Luís de Camões – Turma 4.BB

EB Barranhas – Turma BA 1

EB Lousado – Turma L4B

EB Nuno Simões – Turma NS4

EB Requião – Turma D



Município de Vila Nova de Famalicão
Casa de Camilo - Museu | Centro de Estudos

Avenida de S. Miguel de Seide, 758
4770-631 S. Miguel de Seide
Vila Nova de Famalicão

geral@camilocastelobranco.org
<http://casadecamilo.wordpress.com>

www.vilanovadefamalicao.org / www.camilocastelobranco.org

As marcas de Camilo

Camilo Castelo Branco veio residir em São Miguel de Seide, no inverno de 1863, e aqui permaneceu, por largos períodos de tempo, até junho de 1890. Passados 130 anos do seu desaparecimento, as marcas da sua presença no nosso concelho mantêm-se vivas e atuantes.

A sua Casa em São Miguel de Seide é hoje um baluarte do camilianismo e uma das marcas físicas mais fortes que o novelista nos deixou. Depois de uma visita à Casa de Camilo, há já alguns anos, a escritora Agustina Bessa-Luís referiu a existência de «uma atmosfera especial, como que frequentada por um espírito».

Mas mais do que no edifício, Camilo habita na sua obra literária. Durante os cerca de 27 anos que o escritor viveu na aldeia de Seide, escreveu e publicou inúmeras obras literárias, entre as quais *A mulher fatal*, que assinala este ano, 150 anos da sua edição.

Inspirados por Camilo Castelo Branco e servindo-se do livro *A mulher fatal*, um grupo de alunos do 1.º ciclo do ensino básico desenvolveu o livro que agora apresentamos.

Esta obra é, pois, o resultado de mais um **Atelier de Escrita Criativa** promovido pelo Serviço Educativo da Casa de Camilo Castelo Branco. Para além do **Atelier de Escrita Criativa**, os alunos participaram, também, num **Atelier de Ilustração**. Gostaria de referir que o surto da pandemia ocasionado pelo Covid-19 influenciou a realização do **Atelier de Ilustração**, impossibilitando os alunos de concluir os trabalhos plásticos que estavam a executar. Apesar de prejudicado o trabalho artístico, e de serem muitos os passos que ficaram por dar, a formadora e ilustradora Gabriela Sotto Mayor conseguiu recuperar o projeto gráfico do livro, conjugando para isso, os trabalhos findos com as folhas de papel personalizadas para o efeito.

Acredito que estas páginas muito contribuem para reavivar a memória de Camilo Castelo Branco e para fortalecer os laços com a língua portuguesa, através da leitura e da escrita. Por outro lado, o presente livro é um claro convite para uma viagem pela vida e pela obra de Camilo Castelo Branco.

Parabéns aos pequenos autores!

Paulo Cunha,

Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão

Heróis improváveis

Edição Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e Casa de Camilo-Museu | Centro de Estudos
Direção José Manuel de Oliveira **Coordenação** Miguel Lopes | Paula Lamego **Textos** Produzidos no
Atelier de Escrita Criativa, orientado por Pedro Chagas Freitas **Ilustrações** Produzidas no *Atelier de*
Ilustração, orientado por Gabriela Sotto Mayor **Design** Gabriela Sotto Mayor **Impressão** Mota & Ferreira,
Lda.

ISBN 978-989-8012-66-1 **Depósito Legal** 470441/20 **Tiragem** 250 exemplares

© junho 2020



- 7 **O fugitivo**
- 17 **Chuteiras em ação**
- 27 **Carlos Pereira e os Faces**
- 37 **O vizinho do lado**
- 47 **A aventura de Carlos Pereira**

Centro Escolar Luís de Camões – Turma 4.BB

Professora

Manuela Vilaça

Alunos

Ana Carolina Coelho; António Salvador Oliveira; Carolina Maria Oliveira; Dinis Pedro de Melo; Diogo Antas Junqueira; Duarte Castro Alves; Francisca Bessa da Costa; Francisca Maria Piedade; Francisco de Araújo; Gonçalo Dias; Guilherme Rui Sampaio; Inês João Marques; João Carlos Dias; José Pedro Silva; Leonor Carneiro; Mafalda Silva; Margarida de Barros; Maria Clara da Silva; Martim Bento Monteiro; Matilde Alves Teixeira; Matilde Andrade; Miguel da Silva Monteiro; Pedro Martim Silva; Salvador Pereira; Sarah Viana da Silva.

O fugitivo



1.

Nascido no Brasil, Carlos Pereira morava agora em Portugal e encontrava-se a fugir da Polícia. Estava temporariamente escondido num bar, onde se encontravam vários tipos de fugitivos. Posteriormente, refugiou-se num hotel em Beja.

As paredes do hotel estavam apodrecidas e o quarto de banho encontrava-se nojento e com alguns insetos. A Polícia continuava à procura do seu suspeito, tendo, entretanto, descoberto o bar onde se encontravam alguns fugitivos e prendido vários que aí se encontravam. No entanto, continuava sem encontrar o suspeito que procurava: Carlos Pereira.

Ao longo da sua busca, a Polícia avistou um hotel que parecia estar abandonado. Um agente decidiu ir perguntar ao gerente se lá se encontrava algum Carlos Pereira hospedado, o que o gerente negou.

A Polícia continuou a busca pelo fugitivo e, ao fim de vários dias, encontrou um suspeito presente no local do crime.

O suspeito chamava-se Camilo Castelo Branco e conhecia muito bem Carlos Pereira.



2.

Quando abordado pela Polícia, e apercebendo-se de que o seu amigo Carlos estava fugido, Camilo ficou dividido entre a sua vontade de colaborar com a lei e a sua lealdade para com o amigo. No entanto, decidiu colaborar na busca do seu amigo, na esperança de que fosse o melhor para Carlos.

Carlos Pereira estava preocupado que a polícia o encontrasse, pelo que decidiu abandonar velozmente Beja rumo ao Norte de Portugal. Passando por Lisboa e Porto, onde tinha um grande desejo de conhecer o Planetário, o seu destino era Famalicão, cidade onde se refugiaria durante os próximos tempos.

Ao chegar a Famalicão, estava com fome e quase falido, tinha de poupar, mas decidiu utilizar algumas das poupanças para procurar alojamento na nova cidade que o acolhera.

Naquele dia, perto de um café, encontrou um ancião pensativo a fumar um charuto. Corajosamente decidiu abordá-lo:

— Uma pessoa com esta idade deve conhecer bem a cidade para me poder orientar — pensou.

O ancião indicou a Carlos alguns locais onde poderia ficar alojado,

ficando, no entanto, com alguma suspeita em relação a Carlos: um viajante sem bagagem, e com uma grande necessidade em arranjar alojamento rapidamente, não era algo tranquilizador.

Uns dias mais tarde, a Polícia recebeu a informação de Camilo Castelo Branco de que Carlos Pereira estava refugiado em Famalicão, pelo que as autoridades da cidade do norte foram subitamente alertadas.

Durante as buscas, chegaram a interrogar o ancião que se encontrava no café, onde dias antes Carlos havia estado. No entanto, este, apesar de o ter reconhecido pela fotografia que a Polícia lhe apresentou, negou saber do seu paradeiro.



3.

Por receio de se meter em problemas, o ancião negou conhecer o paradeiro do fugitivo. O seu nome era Pedro Freitas e, após alguma insistência da polícia e um pequeno suborno, foi possível obter alguma informação. Segundo este, Carlos Pereira estaria alojado numa pensão chamada Wake Up. No entanto, apesar da orientação de Pedro Freitas, a Polícia não conseguiu encontrar Carlos e rapidamente perdeu o seu rasto.

Por falta de dinheiro, Carlos assaltou um banco e foi condenado a vinte anos de prisão, tendo, no entanto, escapado e fugido para Braga. A viagem decorreu durante dois longos dias. Carlos tentou, também, fugir do país, na esperança de voltar para a sua terra natal, o Brasil, onde tinha grande parte da sua família. Com esse objetivo em mente, roubou um cartão de cidadão e um passaporte e rumou ao Rio de Janeiro.



Rio de Janeiro

4.

Quando chegou ao Brasil, Carlos Pereira ficou bastante receoso de que a Polícia o encontrasse. Como já não falava com a sua família há vários meses, não sabia o seu paradeiro, tendo, por isso, decidido ir procurá-la à sua última morada, utilizando um carro abandonado que encontrara pelo caminho. Pelas ruas, deparou-se com uma multidão que protestava contra a pobreza e os assaltos descontrolados no país. Alarmado com a presença de tanta polícia, escolheu outro caminho para casa.

Após algum tempo de viagem, chegou finalmente à morada da sua família, mas a casa estava deserta. Carlos foi, então, à casa do seu vizinho perguntar se tinha notícias da sua família, ao que este lhe contou que a sua mãe tinha falecido há alguns meses e o seu pai, devido ao grande desgosto pela perda da sua esposa, tinha provocado alguns distúrbios pela cidade e estava preso.

Aterrorizado com as notícias, Carlos entrou na sua antiga casa, desgostoso e nostálgico, e viu o seu antigo computador e o piano do seu pai já sem teclas. Estes objetos trouxeram-lhe alguma alegria e boas recordações, e, levado pelo extremo cansaço, acabou por adormecer na cama que o viu crescer. Contudo, ao sonhar teve uma visão que o

fez acordar de sobressalto: quando saía à rua toda a gente partilhava informações sobre ele à Polícia.

Preocupado, entrou em contacto com o seu amigo Camilo, tendo-lhe contado onde estava e as suas preocupações. Camilo aconselhou-o a entregar-se às autoridades, uma vez que a forma como Carlos estava a viver, constantemente em sobressalto e a fugir, não era forma de se viver.

E, de facto, Carlos Pereira não conseguia viver assim! Na sua cabeça ouvia constantemente ruídos de sirene, pessoas a comentarem a sua vida, e, quando saía de casa, parecia que todos os que o olhavam sabiam o que estava a esconder. Estava a enlouquecer!

Passaram alguns meses e Carlos deixou de conseguir sair de casa. Ao chegar a este extremo, decidiu entregar-se à Polícia.

Foi enviado para Portugal, onde foi julgado e presente a um juiz. Confessou o seu crime, do qual se veio a arrepender enquanto estava na prisão: tinha atado fogo à histórica e maravilhosa livraria Lello, na cidade do Porto.



EB Barranhas – Turma BA 1

Professora

Maria Goreti Barbosa

Alunos

Carolina Santos de Freitas; Gabriela Martins Miranda; Inês Daniela Lopes Miranda; João Alexandre Bezerra Vasconcelos; João Pedro Martins Costa Dias; Joel Resende Mendes; Margarida Santos de Freitas; Maria Carolina Cardoso Faria; Rúben Daniel Araújo Azevedo.

Chuteiras em ação



1.

Nascido no Brasil, Carlos Pereira morava agora em Portugal, na cidade de Braga.

Na sua viagem para Portugal, o avião teve uma avaria, descontrolou-se e caiu no mar. Carlos tentou nadar até à ilha mais próxima e chegou lá já muito cansado.

Depois de descansar um pouco, procurou comida e construiu uma cabana para passar a noite.

Os dias foram passando, até que, numa manhã soalheira, avistou um barco e, de imediato, subiu a uma palmeira para pedir ajuda.

O barco aproximou-se da ilha e trouxe Carlos para a sua cidade.

Em Braga, começou a carreira de futebolista, no clube principal. Escolheu o número 10 e, como era um bom jogador, ficou muito famoso.

Um dia teve de jogar contra o Flamengo, do Brasil, mas ficou muito triste porque era a sua antiga equipa. Já em campo, estava a jogar sem garra, mas, quando os amigos o apoiaram, marcou o golo decisivo, o golo da vitória.

Assim que terminou o jogo, pediu desculpa e cumprimentou todos os jogadores do Flamengo.

2.

Repentinamente, o estádio foi assaltado por sete ladrões que partiram o vidro para roubar as taças expostas.

O guarda notou que os vidros estavam partidos e foi ver a todas as salas o que se passava. Numa delas, verificou que faltavam as taças que tinham ganho nos jogos anteriores e chamou a polícia.

Para sua surpresa, assim que olhou pela janela, viu um homem a fugir. Começou a correr atrás dele, mas não conseguiu apanhá-lo.

Entretanto a polícia chegou e, apesar de não terem encontrado o suspeito, começaram a investigar.

Corajosamente, um jogador foi à procura dos ladrões pela cidade e, ao longe, avistou um deles, que levava às costas as taças dentro de um saco.

Como era o chefe dos ladrões, foi preso durante vinte anos, enquanto que os outros tiveram uma sentença de dez anos de prisão.



estádio

3.

Como estava no Brasil, aproveitou para visitar os seus familiares.
A família

fez-lhe uma festa-surpresa, convidando todos os amigos. O bolo tinha morangos à volta e no topo estava o Carlos com a taça na mão.

Quando a festa acabou, foi com os amigos ao parque, onde costumavam passar grande parte dos seus dias na infância, e jogaram lá futebol. Ao final da tarde, fizeram um piquenique.

Ao anoitecer, o parque ficou escuro e assustador, e eles tiveram dificuldade em encontrar o caminho de volta.

Entretanto, apareceu o guarda do parque na sua viatura e ajudou-os a irem para casa. Como não havia lugar para todos, Carlos e o seu irmão foram a pé.

Pelo caminho, viram muita lenha e lembraram-se de apanhar alguma para a lareira, pois estavam com frio e a casa era de pedra.

Assim que chegaram, acenderam a lareira e ficaram muito quentinhos a comer o resto do bolo.

No dia seguinte, antes de viajar para Braga, Carlos preparou o pequeno-almoço para todos e despediu-se com beijos e abraços.

4.

Quando aterrou em Portugal, foi para casa, com o seu primo Manuel, que o foi buscar de carro. Durante a viagem até Braga, foram conversando.

— Então, como foram as tuas mini férias? — Perguntou o primo.

— Foram fantásticas! Deu para matar saudades do meu país natal e da família que lá deixei.

Regressando ao trabalho, reiniciou os treinos na academia e continuou a brilhar no campeonato nacional.

Na preparação da nova época desportiva, surgiram vários convites de outros clubes, mas Carlos ficou entusiasmado com o projeto do Famalicão, pois era uma equipa em ascensão. Assinou o contrato e foi viver para essa cidade.

Com a nova equipa constituída, a claque resolveu criar uma música e uma letra dedicada aos jogadores. Como era uma cidade mais pequena, sempre que havia um jogo em casa era uma festa. Carlos sentiu-se muito realizado e acarinhado por todos os adeptos.

O campeonato foi decorrendo, com mais vitórias do que derrotas, e a equipa ficou bem classificada, conseguindo atingir o seu sonho: levar o nome de Famalicão até à Europa.



EB Lousado – Turma L4B

Professora

Cristina Rodrigues

Alunos

Afonso Araújo Lima; Alexandre José da Costa Ortiz Hidalgo Rocha; Alice Ferreira Gomes; Ana Clara Dinis Matos; Catarina Sá Rodrigues; Daniela Sousa Azevedo; Dinis da Costa Moreira; Diogo Alexandre Mendanha Barbosa Alves; Edgar Martim Silva Lima; Eduarda Araújo Marques; Inês Costa Ferreira; Inês Silva Crista; Josefina Marcela Fuca Castelbranco; Lara Raquel Severino Ferreira; Leonardo Júnior Martins da Veiga; Leonor Maria Figueiredo Lima; Luana Beatriz Escudeiro Barros; Manuela Gimenes Monteiro; Margarida Fortuna Pinheiro Peixoto; Mariana Ferreira Machado; Rafael de Sousa Almeida; Rodrigo Maia da Silva; Simão Rafael Alves Mendes; Tomás Ferreira Vilas Boas.

Carlos Pereira e os FACES



1.

Nascido no Brasil, Carlos Pereira morava agora em Portugal e estava em sua casa quando ouviu um barulho estranho. Decidiu ir ver o que se passava.

Ficou muito preocupado e imaginou que fosse o Face. Estava muito assustado, então decidiu chamar alguns amigos porque se sentia muito sozinho e incomodado com o que se estava a passar ali.

Chegaram os seus amigos e começaram a procurar pistas sobre o Face. Foi então que percebeu que não era nada o Face, era apenas a sua namorada a chorar.

Buábuá!

2.

Carlos Pereira e os seus amigos, para ajudarem a namorada, perguntaram o que se tinha passado. Foi então que ela começou a contar a sua história.

— Estava a caminho da tua casa quando percebi que estava a ser perseguida por um Face. Fiquei com muito medo e encostei-me a um poste elétrico. Esperei que ele fosse embora... e quando tive uma oportunidade comecei a correr em direção a casa com todas as minhas forças!

Depois de a namorada ter contado o seu dia aterrorizador, os seus amigos regressaram a casa um pouco perturbados.

No dia seguinte, Carlos e a sua namorada, ao saírem de casa, inesperadamente encontraram mais uma pista sobre o Face. Inquietos, abriram a pista. Decidiram chamar os seus amigos para continuarem a descobrir o enigma. Ao revelarem a pista aos amigos, ficaram surpreendidos!

— Que meeeeeeeedooooooooo!!!





3.

Abriram a pista e começaram a ler:

— Vocês precisam de um dado para chegar ao local, precisam de um pau médio que está na vossa garagem e lá vão encontrar outra pista. De seguida, vão ao Google procurar as fotos dos Faces do Japão.

De repente, ouviram um barulho estranho. Olharam para trás, mas não era nada. Ficaram tranquilizados.

No regresso a casa, decidiram deslizar no escorrega do parque e Carlos reparou que estava um dos Faces escondido atrás de um arbusto. Assustados, decidiram fugir.

Trancaram-se em casa, mas repararam que Carlos não estava entre eles. Do outro lado da rua, numa casa abandonada, o Face estava na janela a fazer movimentos de morte e a apontar para a porta da entrada. Intrigados com aqueles gestos, pensaram que fosse uma nova pista...



4.

Carlos Pereira estava a fugir do Face para o campo de futebol e naquela correria chutou a bola com amor e marcou golo. Fez com que abrisse um portal mágico. Esse portal levou-o para o planeta “Cavaleiros”, onde, supostamente, não morava nenhum Face.

Ao chegar, viu mãos soltas com marcas de beijos de sangue. Começou a mexer numa das mãos e uma delas mexeu-se. A mão tentou esganá-lo. Entretanto, viu um ombro de um homem. Aterrorizado, começou a fugir à procura da saída do Portal, mas foi ter a um monumento que pertencia a um Reino Assombrado. Lá, estavam todos os Faces.

Finalmente tiraram as suas máscaras... e tudo não passou de uma brincadeira assustadora.





EB Nuno Simões – Turma NS4

Professora

Luísa Simões

Alunos

Amandio Fabian Pessegueiro Caçador; Ana Carolina Silva Pereira; Ana Gabriela Moreira Lundgren; Ana Rita Moreira Santos; Aquila dos Reis Coelho; Bruno Rafael Santos Pinto; Flávia Sofia Ferreira Carneiro; Francisca Maia Pinto; Josué Francês Vicente; Lara Daniela Jimenez Monteiro; Marcos Gabriel Silva Brito de Moura; Mariana Moreira da Silva; Rafael Guedes Araújo; Samuel Ernesto de Jesus Barrela; Tiago André Oliveira da Silva; Tomás da Silva Azevedo; Tomás Fontão de Carvalho; Vitória Silva Pinto.

O vizinho do lado

enfeitado

1.

Nascido no Brasil, Carlos Pereira morava agora em Portugal, numa pequena aldeia situada no norte do país.

Numa amena tarde de primavera, estava ele muito entusiasmado a ler o seu livro de poesias, quando algo diferente se passou: um arrepio profundo percorreu todo o seu corpo, sentindo-se enfeitado pelo seu vizinho.

O vizinho Serafim era um homem alto, magro, de cabelos grisalhos e olhos escuros. Vivia sozinho, rodeado de objetos um pouco estranhos e imensos livros de magia, que provocavam medo e mistério aos habitantes de toda a aldeia.

No dia seguinte, Carlos resolveu investigar o enigma que o rodeava. Qual não foi o seu espanto quando, ao espreitar para dentro de casa do vizinho, viu Serafim a mexer um enorme caldeirão ao mesmo tempo que dizia várias palavras mágicas: amaemaá, amaemaá, ...

Muito curioso, Carlos decidiu entrar para ver mais de perto o que se estava a passar...

2.

Ouviu um barulho vindo da cave, apercebeu-se de que havia uma janela aberta e resolveu entrar. Sem querer, carregou num botão e abriu-se um portal. Corajosamente, entrou e viu um enorme jardim, repleto de plantas mágicas que Serafim usava nas suas artes. Velozmente, correu para se esconder e descobriu um grande laboratório de magia.

Desde o dia em que se sentira enfeitiçado, nem uma só palavra lhe saía da boca. Esperou que o seu vizinho sáísse e reparou num livro ao lado do caldeirão. Surpreendentemente, viu que havia um armário que continha as poções que o poderiam curar. Rapidamente, tentou apoderar-se delas mas apareceu o vizinho e Carlos só teve tempo de desligar o interruptor e fugir para sua casa, cheio de medo.

portal

3.

Quando entrou em casa, Carlos sentou-se confortavelmente no seu sofá e, olhando para a lareira enquanto a lenha crepitava, foi imaginando um plano para alcançar o livro mágico do vizinho.

No dia seguinte, voltou à misteriosa moradia e carregou no portal com muita convicção, de tal forma que apertou o seu próprio dedo. As lágrimas correram-lhe pela face devido à dor que sentiu. Controlou a sua vontade de chorar, olhou e avistou um pequeno gnomo chamado Armando, que prontamente o foi ajudar.

O gnomo tinha um aspeto um pouco assustador: era idoso, com barbas brancas e, no alto da sua pequena cabeça, havia um chapéu pontiagudo salpicado de flocos de neve.

Armando disse a Carlos que tinha visto tudo e que estava disposto a ajudá-lo, desde que ele também o ajudasse.

Contou-lhe que estava preso naquela casa há muitos anos.

4.

Os dois decidiram elaborar um plano para se ajudarem mutuamente. Armando contou-lhe o segredo do seu vizinho e como recuperar o caderno das poções. O gnomo disse que só poderiam pegar no livro mágico se conseguissem passar no portal do professor Serafim.

Carlos avistou uma capa mágica, que decidiu colocar nos ombros e que os transportou para junto do portal, onde conseguiram encontrar a saída para a rua. Sentiu algo a cair ao chão e reparou que era o famoso e desejado livro de poções. Começou a ler e olhou para trás: a sua capa também escorregou e caiu! Nesse momento apareceu uma linda princesa, que surgiu do interior da capa! Ele exclamou:

— Oh meu Deus, que linda!

A princesa tinha olhos azuis, longos cabelos loiros e uma graciosa beleza.

Carlos Pereira apaixonou-se de imediato por aquela donzela e decidiu oferecer-lhe uma preciosa joia para demonstrar o seu verdadeiro amor. Nesse momento, despediu-se do seu companheiro de aventuras, o gnomo Armando, ficando-lhe agradecido para toda a vida.

No dia seguinte, apesar de se sentir cansado e sonolento foi comprar um precioso anel de ouro e, nessa mesma noite, ofereceu-o num apaixonado pedido de casamento. A bela princesa aceitou, muito feliz, mas tinha um pedido a fazer:

— Carlos, o Serafim não é um homem mau, apenas triste. Sente-se sozinho desde que a sua família o abandonou devido aos seus poderes e por isso fez-nos prisioneiros. Eu gostaria muito que ele viesse à nossa festa de casamento e que passasse a fazer parte das nossas vidas, uma vez que sempre me tratou bem enquanto estive prisioneira dentro da capa.

Carlos aceitou e enviou-lhe o convite de casamento.

Juntos e felizes caminharam de mãos dadas até à casa de Carlos.



felizes

EB Requião – Turma D

Professora
Carla Alves

Alunos
André Silva; Bruno Ferreira; Diogo Magalhães; Ema Rodrigues; Guilherme Pinheiro;
João Ramos; Lara Mendes; Margarida Martins; Maria Francisca Semedo; Mariana
Costa; Matilde Freitas; Simão Ferreira; Tiago Faria; Tomás Carvalho.

A aventura de Carlos Pereira



1.

Nascido no Brasil, Carlos Pereira morava agora em Portugal e estava à procura de respostas sobre lendas antigas, como a lenda do capitão William Kidd. Tinha 47 anos quando teve um AVC perigoso.

Uns dias depois, Carlos Pereira havia sobrevivido e foi encontrado a beber água suja num ribeiro.

Levaram-no para o hospital para fazer análises grátis e verificar se estava tudo bem com ele. E estava!

Por isso, foi para casa descansar muito bem. Comeu uma bela sopa e foi dormir na sua cama confortável.

2.

Corajosamente, Carlos Pereira embarcou numa nova aventura. Tinha uma lista de opções: lutar com tubarões, entrar numa savana cheia de crocodilos malvados, combater leões, subir uma montanha enorme e atirar-se usando paraquedas, porque os paraquedas são importantes.

Ele escolheu lutar com várias enguias elétricas: uma nova opção. Velozmente foi à procura de um lago cheio delas. Rapidamente caiu num buraco e acertou no jackpot!

Repentinamente uma enguia ferrou-lhe na coxa, obviamente que saltou logo para longe dela. Correu até se cansar e, entretanto, apareceu um leão irritado. Fugiu para um Planetário abandonado onde encontrou um cadáver ao qual roubou a carteira com dinheiro. A carteira era velha, sem cor e cheia de musgo seco.

De repente, apareceu um morcego que fez cocó na cabeça do cadáver!





3.

Afinal o morcego era um fantasma e fez um inútil ataque com um enorme dado. Carlos Pereira adoraria inventar uma máquina para fazer superpoderes para derrotar o morcego. Para isso, chamou uma fantástica cientista louca. Quando a máquina ficou pronta, ele decidiu escolher o “Poder de Ler Mentés”.

Com o seu superpoder derrotou o morcego. De seguida, foi para a linha do comboio onde entrou numa carruagem e comeu uma maçã que estava lá pousada. Esta estava envenenada e, rapidamente, desmaiou e caiu no chão.

Quando acordou, um soldado, que estava sentado num banco a ver tudo, descobriu que ele tinha superpoderes e decidiu enviá-lo logo para uma área militar.

Passados alguns dias, apercebeu-se de que faltavam poucos passos para, provavelmente, começar a terrível Terceira Guerra Mundial. Ele queria ser aliado dos britânicos.

4.

Já na área militar, o calor parecia um abraço gigante. Quando foi beber água encontrou um baú com um colar muito bonito. Foi falar com o Marechal, para lhe dizer que havia encontrado um colar invulgar. Quando chegou, o chão estava inundado com água.

— Como está, senhor Marechal? Este chão está cheio de água! — Disse, muito admirado, regressando de seguida para junto do baú, lembrando-se de que não tinha falado com o Marechal sobre o colar. Ficou a pensar no que fazer com ele. Com a sua grande visão viu que alguém estava perto do seu baú.

— Está aí alguém? — perguntou.

A pessoa tinha roubado o colar. Mas, como era mágico, o colar defendeu-se e assim Carlos Pereira descobriu esta maravilha.

Enquanto isso, uma preguiça estava a ter um filho no cimo de uma palmeira.

Afinal tudo não passava de um sonho e não aconteceu nada! Terminava assim mais uma aventura de Carlos Pereira.



